



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

## **PATRIMÔNIO, PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA VIVA: ACERVO VIRTUAL DOS UIRAPURUS PARAENSES.**

### **HERITAGE, PRESERVATION AND LIVING MEMORY: VIRTUAL COLLECTION OF THE UIRAPURUS PARAENSES.**

**MAIA, Gilda Helena Maia (PPGARTES/UFPA)**  
**COHEN, Liliam Barros (PPGARTES/UFPA)**

**RESUMO:** Este artigo apresenta a pesquisa de doutorado em andamento “Uirapurus Paraenses: a invisibilidade do acervo e da prática dos cantores líricos paraenses Helena Nobre e Ulysses Nobre”, que aborda a fragmentação de seu acervo e o objetivo de organizá-lo e difundi-lo, levando ao entendimento de suas práticas artísticas. A organização e difusão se darão através da criação de uma plataforma virtual, que conterà a digitalização e catalogação dos registros encontrados nos acervos públicos e privados localizados durante a pesquisa na cidade de Belém, promovendo a acessibilidade dessas informações e dando visibilidade a figura desses artistas. Para justificar a iniciativa do agrupamento virtual do acervo, serão apresentados conceitos sobre: patrimônio cultural, memória, identidade, referência cultural, memória viva e preservação da memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** Helena Nobre, Ulysses Nobre, Acervo Virtual, Musicologia, Memória Viva.

**ABSTRACT:** This article presents the ongoing doctoral research “Uirapurus Paraenses: the invisibility of the collection and the practice of the lyric singers from Pará Helena Nobre and Ulysses Nobre”, which addresses the fragmentation of their collection and the objective of organizing and disseminating it, leading to the understanding of their artistic practices. The organization and dissemination will take place through the creation of a virtual platform, which will contain the digitization and cataloging of the records found in the public and private collections located during the research in the city of Belém, promoting the accessibility of this information and giving visibility to the figure of these artists. To justify the initiative of the virtual grouping of the collection, concepts on: cultural heritage, memory, identity, cultural reference, living memory and preservation of memory will be presented.

**KEYWORDS:** Helena Nobre, Ulysses Nobre, Virtual Collection, Musicology, Living Memory.

### **Introdução**

Com a Nova História Cultural, na década de 1970, o objetivo dos historiadores passa a ser “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, *dada* a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Direciona-se, assim, o olhar às relações entre diferentes grupos sociais, focalizando, inclusive o interior de cada grupo, observando sua percepção de mundo, seus



valores, seu domínio. Segundo Ilane Cavalcante (2000), essa nova forma de concepção de História tem permitido a construção de uma “história das minorias”.

Scott (1992) aponta a importância da “historicização” e “desconstrução” da História – nos termos de Jacques Derrida – revertendo-se e deslocando-se essa construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas. Deve-se, portanto, trazer à tona, segundo E.P. Thompson (1998) e M. De Certeau (1994, p. 41), “as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa e tática dos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide”.

Segundo Gomes (2009), novas correntes começam a surgir no campo da musicologia a partir da década de 1990, influenciando, conseqüentemente os estudos de gênero e música. Essas novas correntes – *Nova Musicologia* – continuavam trabalhando com os aspectos teórico-musicais, no entanto, passam a enfatizar fatores extramusicais<sup>i</sup> como, questões políticas e éticas e sua influência no mundo musical, questionando a razão pura, a excessiva objetividade, a normatividade e a-historicidade. Esses novos estudos passaram a focar mais o processo de produção (como as coisas acontecem), do que sobre o produto ou objeto (como as coisas são); incluindo estudos como: etnomusicologia, fenomenologia, semiótica, hermenêutica, estudos de gênero, marxismo, etc. Musicólogos pós-estruturalistas<sup>ii</sup>, por exemplo, apoiados nas ideias de Michel Foucault, passam a conceber a música como um sistema de relações de poder que, segundo Duckles<sup>iii</sup> (1980 *apud*. GOMES, 2009), usando métodos desconstrutivos articulados como relações de gênero, classe e como a música, para analisar e verificar sua influência na construção social da identidade e dos territórios.

Dentro dessa perspectiva, tenho investigado a história da Família Nobre – família de músicos paraenses, envolvidos tanto na execução instrumental e vocal, quanto na composição, arranjos e regência, e ainda na docência e pesquisa em música – que, até hoje (sétima geração), ajuda a construir o cenário musical de Belém<sup>iv</sup>. Hoje, realizo, no âmbito do Doutorado, uma pesquisa em andamento intitulada “Uirapurus Paraenses: a invisibilidade do acervo e da prática dos cantores líricos paraenses Helena Nobre (1888/1965) e Ulysses Nobre (1887/1953)”. Suas performances foram



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

comentadas nos jornais, revistas<sup>v</sup> (Figura 1) e no rádio – Rádio Club do Pará/PRC-5 (Figura 2) – de sua época, permanecendo na memória dos que tiveram a oportunidade de conhecê-los e de assistir a seus recitais.

*Para o conhecimento dos leitores da supracitada publicação, alguns dos quais certamente ignoram como me fiz cultora acérrima, amantíssima da divina arte de canto, cuja tendência trouxe do berço, pois nasci cantando. Muito menina, ou melhor, criança, ainda, comecei a sentir irresistível encantamento pela arte dos sons que é também – Amor!*

*(Helena Nobre, Revista Belenópolis, 1946)*

Figura 1: Trecho de narrativa escrita por Helena Nobre, publicado na Revista Belenópolis, 1946.  
Fonte: Acervo particular de Urubatan Castro.



Figura 2: Cartaz do Festival Radiofônico Anual dos Irmãos Nobre (foto nas instalações da PRC-5).  
Fonte: Acervo particular de Helena Maia.

No entanto, atualmente, grande parte de plateia, que assistia às apresentações de Helena e Ulysses Nobre, já deixou saudades e os registros de sua existência



encontram-se em vários acervos<sup>vi</sup> públicos e privados da cidade de Belém<sup>vii</sup>, em sua maioria, inacessíveis ao público, dificultando que sua história seja conhecida.

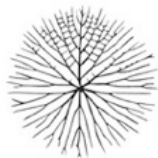
Helena e Ulysses fazem parte da terceira geração da Família Nobre e tiveram a oportunidade de subir ao palco com vários de seus parentes, em especial, juntos - dupla que até hoje é lembrada sob o título “Irmãos Nobre”. Helena também ficou conhecida como “Rouxinol Paraense” e Ulysses como “Titta Ruffo Paraense” e percorreram sua trajetória de vida cantando e fazendo música – período que abrangeu toda a primeira metade do século XX até meados da década de 1960.

Os Irmãos Nobre - Helena e Ulysses - dividiram não apenas sua carreira, mas também os estigmas da hanseníase: mesmo curados, ficaram as sequelas; mesmo cantando, foram enclausurados em seu domicílio na Travessa Campos Sales, batizado pela sociedade paraense de “Gaiola Dourada”, por guardar os “Uirapurus Paraenses” - epíteto doado aos dois pelo compositor e amigo paraense Gentil Puget.

Buscando a trajetória dos irmãos cantores, procura-se evidências de sua existência, que ficaram registradas em fontes históricas: documentais, na memória familiar e em sua produção intelectual. Os objetos materiais constituem um cenário, conforme adverte Daniel Miller (2013, p. 78-79):

[...] quanto menos tivermos consciência deles mais conseguimos determinar nossas expectativas, estabelecendo o cenário e assegurando o comportamento apropriado, sem se submeter a questionamentos. Eles determinam o que ocorre a medida em que estamos inconscientes da capacidade que têm de fazê-lo.

Segundo a historiadora Vavy Pacheco Borges (2006), os vestígios de uma vida podem ser encontrados: na memória ou tradição oral familiar; em memórias, autobiografias, correspondência (ativa e passiva), diários; nas entrevistas na mídia (orais e escritas); nos chamados objetos da cultura material – fotos, objetos pessoais, biblioteca etc. – que alguns chamam de “teatro da memória”<sup>viii</sup>. Deste modo, notamos a importância dos objetos, ao ponto de muitas vezes determinarem nosso comportamento e nosso reconhecimento das situações.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

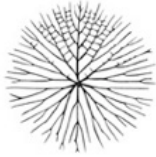
**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

Portanto, o principal objetivo desta pesquisa atual em andamento é organizar e difundir o acervo e a atuação artística dos cantores líricos paraenses da primeira metade do século XX: Helena Nobre e Ulysses Nobre, se aproximando do construto social destes artistas, o que levará à compreensão sobre a invisibilidade e dificuldade de acesso ao acervo e ainda de que forma se estruturou as representações sociais chamadas “Irmãos Nobre” e “Uirapurus Paraenses”.

### **A (des)localização do acervo de Helena e Ulysses Nobre e a iniciativa de construção de um acervo virtual dos Uirapurus Paraenses**

O acervo de Helena e Ulysses Nobre é composto pelo conjunto de várias categorias documentais, tais como: fotos, objetos pessoais, telas, correspondências, recortes de jornais, partituras, programas de concertos, diários, poesias e prédio residencial; e também possui sua história, possui a relação de pessoas que o organizaram - em suma, possui todo um simbolismo que o rodeia - impossibilitando que sejam separadas suas partes material e imaterial. Atualmente, os objetos que formam o acervo estudado estão localizados em diferentes locais públicos e privados, sua aura imaterial está enfraquecida, ocorrendo, muitas vezes, a danificação, o estrago ou a perda de vários de seus itens.

Parte do acervo se encontra no Museu da Universidade Federal do Pará, são recortes de jornais e partituras, em sua maioria, provenientes do trabalho arquivístico de Alcebíades Nobre – outro irmão de Helena e Ulysses. Alcebíades foi funcionário do Theatro da Paz e organizou, durante anos, em vários cadernos, o movimento artístico que acontecia no Theatro. Segundo Salles (2005), certa vez, quando estava andando pelos arredores do teatro, observou que um funcionário estava queimando papéis. Aproximou-se e observou que se tratava de jornais, cadernos e programas de concerto (Figuras 3 e 4). Perguntou o porquê da fogueira e como resposta: “lixo velho do teatro”. Disse imediatamente que queria aquele “lixo”, que hoje está no acervo do Museu da UFPA.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**



Figuras 4 e 5: Respectivamente, capas de programa de Concerto Anual de Helena (1921) e de Ulysses (1922), ocorridos no Theatro da Paz.

Fonte: Acervo Irmãos Nobre do Museu da UFPA.

Outra parte do acervo que está no Museu da UFPA foi recolhido diretamente dos Irmãos Nobre. Salles (2005) conta que, visitando Helena Nobre, encontra-a em uma crise depressiva em decorrência do falecimento de Ulysses Nobre, rasgando vários documentos, que posteriormente são doados para o historiador com o propósito da construção de uma biografia dos dois irmãos artistas. São mais de quatrocentos recortes de jornais e programas de concerto que contam os acontecimentos desde o início de carreira em 1905 - encontrando também informações sobre a revolta da sociedade na época em que sofreram prisão domiciliar (Figura 5), ficando seis anos sem cantar em público (GUIMARÃES, 1930). Isso mostra a representatividade que tinham perante a sociedade paraense, encontrando-se notas em jornais sobre eles até 1998.

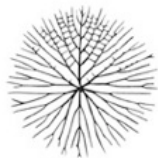
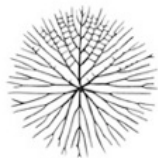


Figura 5: Foto da fachada da “Gaiola Dourada”, residência de Helena e Ulysses Nobre, localizada em Belém/PA, na Tv. Campos Salles entre O de Almeida e Aristides Lobo.  
Fonte: foto pertencente ao acervo particular de Helena Maia.

Em 2005, membros da Família Nobre informaram que havia ocorrido uma exposição do Acervo dos Irmãos Nobre na Casa da Linguagem<sup>ix</sup>. Em uma nota de jornal de 1970 (FRANCO, 1970), obtive a informação de que o Conselho Estadual de Cultura, na pessoa de seu presidente Clovis Moraes Rego, “entrou em entendimento com Maria do Céu Nobre Gomes”, sobrinha dos Irmãos Nobre – falecida em 1995 –, passando a ser o “guardião daquele valioso patrimônio artístico da terra”, agora denominado “Acervo Irmãos Nobre”. A mesma nota menciona que foram expostos na Casa da Linguagem: manuscritos, partituras, cartas, recortes de jornais, fotografias, troféus, objetos pessoais, roupas, telas pintadas por Reynoso, inclusive o piano. Antigos funcionários da instituição, que agora trabalhavam em outro órgão do Governo, informaram que várias peças estragaram, inclusive o piano e que haviam levado o que restou para o Centro Cultural e Artístico Tancredo Neves - CENTUR, cede da Fundação Cultural do Pará - onde também não se encontrou o acervo. Funcionários do CENTUR informaram que este teria sido remanejado para o Museu do Estado Lauro Sodré.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

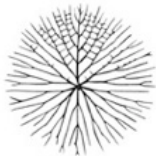
**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

De fato, parte desse acervo está no Museu do Estado, no entanto, inacessível ao público. Quando o acervo chegou ao Museu do Estado, muitos de seus itens já haviam sido perdidos, deteriorados ou roubados. A parte do acervo que foi localizada se resume a poucas peças: duas telas do pintor Reynoso; dois chapéus de Helena; duas peças de roupa de Helena; dois leques de Helena; uma faixa em homenagem à Helena, pelo *Sport Club* do Pará; uma escova de roupa; um castiçal; um par de luvas, três lenços de seda; um aplique de cabelo; uma estola de pele de preguiça, pertencente à Helena; oito ramalhetes de flores de pano para roupa de Helena; três lenços com estampas de bandeira (dois de Portugal e um do Brasil); uma echarpe de Helena.

Há um documento intitulado “Lista do Acervo Artístico, Histórico e Decorativo do Museu do Conselho Estadual de Cultura”, no qual pude observar os objetos que não chegaram ao Museu: “h) diploma dado à Helena pela Comissão Organizadora dos Órfãos Portugueses de Guerra, Pará, 31 de dezembro de 1918”; “l) grampos para chapéus (2 grandes e 7 pequenos) - roubado”; “s) um conjunto de *toilette* em prata com 11 peças - roubado”; “60- Piano marca F. Dörner&Sohn – Stugart – Hoflieferanten Sr. Magestat des Königs, último que pertence à cantora lírica Helena Nobre - danificou”. E me perguntei: como a carcaça de um piano pode sumir assim? e as partituras onde estariam? fotos? manuscritos? recortes de jornais? onde haveria de estar o resto do acervo?

Em 2007, foi encontrada mais uma parte do acervo na Casa das Artes<sup>x</sup>, com uma lista intitulada “Acervo pertencente aos irmãos Ulysses e Helena Nobre, doado ao Conselho Estadual de Cultura do Pará por familiares dos artistas”, que enumera os documentos que foram para esta instituição: cartas, jornais, partituras e demais documentos (Figura 6). No início do ano de 2019, o acervo foi remanejado ao CENTUR, ocupando agora o setor de Obras Raras, no entanto sendo proibida sua digitalização.





**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

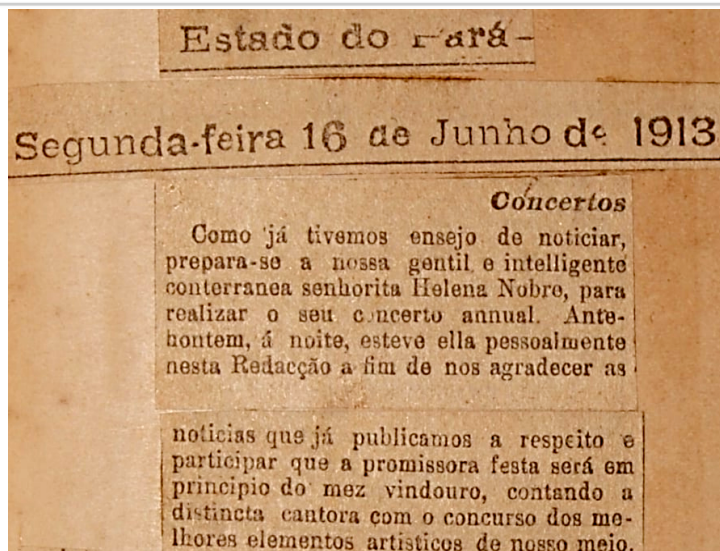


Figura 6: Foto de um recorte de jornal pertencente aos irmãos Ulysses e Helena Nobre, doado ao Conselho Estadual de Cultura do Pará por familiares dos artistas. Estado do Pará de 16/06/2013. Fonte: Digitalização feita na época em que o acervo estava na Casa das Artes. Atualmente, este material está no setor de Obras Raras do CENTUR.

Nota-se, portanto, a dispersão e a fragmentação do acervo de Helena e Ulysses Nobre, podendo-se encontrar documentos em locais distintos e inesperados, a exemplo dos que pertencem ao Conservatório Carlos Gomes (Belém), como partituras e a foto que faz parte da pinacoteca da instituição (Figura 7).



Figura 7: Foto doada pelos Irmãos Nobre ao Conservatório Carlos Gomes. Hoje, está no segundo andar do prédio central do Conservatório e faz parte da pinacoteca da instituição. Fonte: Acervo do Conservatório Carlos Gomes.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

Para Kopytoff (2008), existe uma proximidade entre as biografias de coisas e de pessoas no contexto de suas sociedades. O episódio dos documentos dos Irmãos Nobre, que foram encontrados por Vicente Salles no lixo do Theatro da Paz, ocorreu por não se saber exatamente a categoria que eles ocupavam ou por sua categoria anômala. Corrobora o autor:

[...] as identidades sociais de uma pessoa ou coisa são relativamente estáveis e as mudanças são geralmente condicionadas mais por regras culturais do que por idiosincrasias biográficas. [...] Qualquer coisa que não se enquadre nas categorias é claramente anômala e a sua circulação normal é encerrada, ou para ser sacralizada, ou para ser isolada ou excluída. O que se vislumbra das biografias, tanto das pessoas quanto das coisas nessas sociedades é, acima de tudo, o sistema social e as formas coletivas de conhecimento nas quais esse sistema se baseia (KOPYTOFF, 2008, p. 120).

O alto-relevo em bronze de Helena e Ulysses Nobre, na secretaria do Theatro da Paz e a alameda “Irmãos Nobre” que o rodeia (Figura 8); assim como o 1º Concurso de Canto Lírico Irmãos Nobre; o recital Inspiradas Mulheres do Pará; e o Prêmio Irmãos Nobre no 1º Concurso Internacional de Canto da Amazônia Helena Coelho Cardoso são homenagens póstumas que sustentam a hipótese de que os Irmãos Nobre de fato tiveram uma participação significativa na construção do cenário musical paraense, onde os documentos em que se memora (se traz a lembrança) sua atuação são uma fonte para conhecer o contexto em que sete gerações, ininterruptas, de músicos paraenses fazem parte como fio condutor de parte da trajetória artística de sua cidade.



Figura 8: Foto da Alameda Irmãos Nobre, que circunda os fundos do Theatro da Paz. Homenagem feita pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Estado do Pará em 1983.

Fonte: Acervo particular de Helena Maia.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

Na pesquisa atual, proponho a ação de organizar e difundir o acervo e a atuação artística dos Irmãos Nobre, criando uma plataforma virtual (um site) que agregue a digitalização e catalogação dos registros encontrados nos vários acervos públicos e privados localizados no percurso desta pesquisa, com o foco em disponibilizar as informações à sociedade em geral, através dessa plataforma, objetivando a preservação e o não esquecimento de sua identidade, de sua ação e de sua memória.

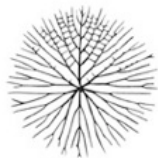
A ação de organização e preservação será a criação do Fundo Irmãos Nobre no Laboratório de Etnomusicologia da UFPA - LABETNO. Este fundo será composto por vários produtos gerados durante a pesquisa, dentre eles, o Repositório Virtual Uirapurus Paraenses, onde serão reunidas, depositadas e catalogadas as digitalizações. Este repositório será uma cópia virtual de vários Fundos (os acervos públicos e privados da cidade de Belém, onde há documentos referentes a Helena e Ulysses Nobre), constituído por séries documentais organizadas em pastas, que poderão ou não estar pareadas. E tem como finalidade preservar e tornar públicos esses documentos.

A ação de difusão se dará com a criação do site. As digitalizações depositadas no Repositório Virtual Uirapurus Paraenses irão alimentar o site, que terá a função de reunir em um único espaço virtual as digitalizações dos documentos que estão sendo encontrados, sinalizando a localização dos originais, e de dar visibilidade e acessibilidade a atuação de Helena e Ulysses através desses documentos.

Com a finalidade de justificar a iniciativa do agrupamento virtual do acervo dos Irmãos Nobre, serão apresentados conceitos sobre: patrimônio cultural, memória, identidade e referência cultural; memória viva e preservação da memória.

### **Patrimônio Cultural, Memória, Identidade e Referência Cultural**

Com o surgimento da concepção de diversidade cultural, partindo da compreensão de que o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, o século XX caracteriza-se por reconhecer cultura como uma dimensão social, um conjunto de regras comuns a um determinado grupo (SANTOS, 1996), isto é, o complexo dos



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

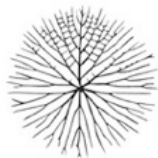
padrões de comportamento, crenças, valores e hábitos transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade (FERREIRA, 1999), que pode tanto separar comunidades – cada uma com suas próprias regras, costumes e mecanismos de controle –, como unir indivíduos de um mesmo grupo, mantendo sua cumplicidade (LARAIA, 2001). Ressalta-se que, “a cultura é produto da sociedade, que também ajuda a produzi-la” (SANTOS, 1996, p. 65), não podendo ser compreendida como algo pronto, estático; a cultura condiciona e é condicionada pela sociedade que, por sua vez, está em constante transformação.

É considerado patrimônio de uma comunidade tudo aquilo que diz respeito à cultura desse grupo e que for reconhecido como tal por essa mesma coletividade (SILVA, 2009). A Constituição Federal Brasileira de 1988 prescreve que o patrimônio cultural brasileiro é constituído tanto por bens de natureza material, quanto por bens de natureza imaterial, “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, garantindo ao cidadão o direito de participar, escolher e decidir qual será o uso de seus bens, reconhecendo-os ou não como seu patrimônio cultural. Portanto, segundo nossa Carta Magna, a memória e a identidade são direitos do cidadão. (BRASIL, 1988, art. 216).

Cabe observar como estão imbricadas as ideias de memória e identidade, muitas vezes se complementando e dialogando.

A memória de um grupo é a marca ou sinal de sua cultura e baseia-se essencialmente na afirmação da identidade e na formação da cidadania (WEHLING, 2003, p. 13). É um processo dinâmico da própria memorização, ligado à questão de identidade (SANTOS, 2004, p. 59); é a lembrança do já vivido - passado, raízes, origens, história de um grupo social - que cria a identidade cultural - definindo cada grupo e os diferenciando uns dos outros - e o sentimento de pertencimento, não se deixando cair no esquecimento, sendo refrescada constantemente, sendo grafada, narrada, ou tornando-se fonte-histórica (BATISTA, 2005).

É no cerne deste pensamento que surge a noção de referências culturais, base da atual legislação sobre patrimônio cultural, isto é, “a constituição de patrimônios



culturais deve ‘fazer sentido’ – significado – e ‘ter valor’ para outros sujeitos sociais, além dos representantes e especialistas do Estado” (SANT’ANNA, 2006, p. 9).

Preservar, proteger, cuidar, respeitar ou conservar a memória de fatos e valores culturais, possibilita a compreensão de nossa memória social, artística e cultural, e a percepção do processo de transformação a que está inevitavelmente exposto o saber e o saber fazer de um povo. Quando um determinado grupo se apropria de seus valores, manifestações ou outros bens, perpetuando-os na sua história, classificando-os como seu patrimônio cultural e passando-os de geração a geração, constroem identidade ou identidades (BATISTA, 2005).

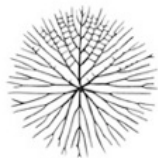
### **Preservação e Memória Viva**

Segundo Lévi-Strauss (2006), a diversidade externa está ameaçada pela “era da mundialização”, fadada a um empobrecimento cada vez maior das identidades culturais, sendo necessário e urgente que todos os grupos e subgrupos humanos – que a constituem e desenvolvem – mantenham e preservem a diversidade interna de cada sociedade, preservando a memória viva. O fomento das políticas públicas está, portanto, na valorização do que é nosso, do que é referência para nós mesmos.

A diversidade cultural poderá ser mantida e estimulada pela preservação das especialidades culturais dos diferentes grupos sociais. Para que a vitalidade das sociedades não seja ameaçada, deve-se conservar, ao menos, a memória viva dos costumes, de práticas e saberes insubstituíveis que não devem desaparecer. Pois é a diversidade que deve ser salva, não o conteúdo histórico que cada época lhe conferiu e que ninguém saberá perpetuar para além dela própria. (LÉVI-STRAUSS, 2006, p. 82 – grifo nosso)

O conceito de Memória Viva é compreendido aqui como o ato de preservar o patrimônio de uma maneira, que possa fazer parte do cotidiano das pessoas, vindo das pessoas e voltando para elas.

“A melhor forma de preservar o patrimônio cultural é através do respeito e interesse do próprio povo em assegurar a proteção dos testemunhos de uma cultura, permitindo assim o exercício pleno da cidadania” (PARÁ, 2002, p. 30); isso ocorre através da informação, que conduz o homem ao entendimento do mundo em que



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

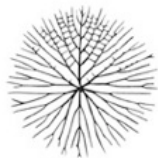
está inserido e à consequente valorização de sua cultura. No momento em que a comunidade toma consciência de que é guardião de seu próprio patrimônio, o direito à memória passa a ser garantido, impedindo a degradação do patrimônio cultural, numa salvaguarda preventiva (MAIA, 2003). Uma das formas de exercer essa cidadania é requerendo o registro do patrimônio, de acordo com o IPHAN. Esse registro é para os bens culturais de natureza imaterial, por meios técnicos adequados, a fim de tornar o conhecimento acessível ao público. É nesta hora que o poder público toma para si uma responsabilidade de preservação que também lhe cabe. Não valorizar o patrimônio, não o preservar ou não o registrar, significa não poder apresentá-lo a mais ninguém; significa não compreender que nossa identidade cultural é parte do que deve ser preservado.

O poder de preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural - herança de gerações passadas, que exerce papel fundamental no momento presente e projeta-se para o futuro, que transmite referências de um determinado tempo e lugar jamais vividos pelas gerações vindouras e que permite sua revisitação e diálogo com a história<sup>xi</sup> - não é apenas do Estado, mas também da comunidade, como dispõe a Constituição Federal Brasileira de 1988. A ação de salvaguarda desse patrimônio pauta-se no princípio de compartilhar responsabilidades e informações, em que a participação das comunidades se torna essencial, com projetos de mapeamento, identificação, registro e fomento à valorização e à continuidade de bens culturais (SANT'ANNA, 2006).

Cabe, portanto, ao pesquisador, enquanto membro de sua comunidade, participar da ação de não esquecimento da identidade de seu grupo e de preservação de sua própria memória, tirando da escuridão as informações, costumes, práticas e saberes que se encontram obscuros, lembrando e buscando temas e objetos que não estão sendo referendados pela história.

### **Considerações Finais**

Conforme o exposto sobre cultura, memória e patrimônio, reconhecendo a trajetória e atuação artística dos Irmãos Nobre e os objetos de seu acervo como documentos que traduzem a cultura, história e memória da cidade de Belém, compreende-se que



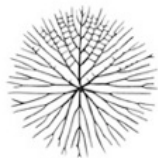
a tendência atual do historiador é reconstruir seu objeto histórico a partir do cultural, ou seja, a partir das representações sociais de uma determinada época e lugar sobre ele (CADIOU, 2007; e BORGES, 2006), levando a uma maior aproximação com a sociedade e/ou com os sujeitos que serão pesquisados, penetrando na sua vida cotidiana, observando seus valores, cultura e raízes, aproximando-se de sua identidade.

Uma vez que os objetos do acervo de Helena Nobre e Ulysses Nobre já são percebidos como “lugar de memória”<sup>xii</sup>, a ideia de reuni-los em um só espaço, seja ele virtual ou físico, recupera e fortalece a aura do acervo, potencializa a compreensão desses objetos como portadores de memória, história e identidade capazes de falar sobre Helena e Ulysses Nobre, possibilitando visitar um passado, preservando sua memória, objetivando compreender o presente e disponibilizar este conhecimento a futuras gerações.

Proponho participar do processo de preservação da memória dos costumes, práticas e saberes, promovendo a difusão dessa parte da história da música paraense à sociedade – através de pesquisas, publicações, palestras, organização e acessibilidade do acervo de Helena e Ulysses Nobre –, para que, com essas informações, a própria sociedade, reconhecendo estes artistas como referências culturais, se engaje na ação de não esquecimento de sua memória.

## **REFERÊNCIAS**

- BATISTA, Cláudio Magalhães. Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. In: **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 5, nº 3, 2005. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/viewarticle.php?id=96>> Acesso em: 01.11.2009.
- BORGES, Vavy Pacheco. Fontes Biográficas: grandezas e misérias da biografia. In: PRINSKY, Carla Bassanezi (et al). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 203-233.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.
- CADIOU, François (et al). **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Trad. Giselle Unti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 190-195.
- CAVALCANTE, Ilane Ferreira; MORAES, Maria Arisnete Câmara de. **Uma História da Mulher na Obra de Lygia Fagundes Telles**. I Congresso Brasileiro de História



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

da Educação. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000 – disponível em: <[http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/065\\_ilane.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/065_ilane.pdf)>

CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTE, Cordélia Robalinho de Oliveira.

**Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Brique de Lemos Livros, 2018.

DE CERTEAU, Michel. **Artes de Fazer. A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Ed. Vozes. (1994)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Nilo. Onde está o Espólio? **A Província do Pará**, Belém, ago. 1970.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. **Samba no Feminino: as transformações de gênero no samba carioca (1917-1930)**. Projeto de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC para qualificação, 2009.

GUIMARÃES, De Paula. Dentro da Arte e do Silêncio – Irmãos Nobre. **O Correio do Pará**. Belém, 17.01.1930.

KOPYTOFF, Igor. A Biografia Cultural das Coisas: a mercantilização como processo. *In: A vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Tradução: Agatha Bacelar. Niterói: Ed. UFF, 2008, p. 89-121.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.] 4. ed. Campinas - SP: editora UNICAMP, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Laurent. Patrimônio Imaterial e Diversidade Cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. *In: PATRIMÔNIO IMATERIAL. O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4ª edição, 2006, 140p.

MAIA, Felícia Assmar. **Direito à Memória: o patrimônio histórico, artístico e cultural e o poder econômico**. Belém: UNAMA, Revista Movendo Idéias, Belém, vol. 8, n. 13, p. 39-42, jun. 2003.

MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

PARÁ. **Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural**. Belém, 2002. (Série Informar para Preservar)

SALLES, Vicente. **Um Retrospecto – Memória**. Brasília: micro-edição do autor, 2005.

SANT'ANNA, Márcia. Avanços da Política de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. *In: PATRIMÔNIO IMATERIAL. O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4ª edição, 2006, 140p.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1996. Coleção Primeiros Passos, n. 110.

SANTOS, Eunice. **Eneida de Moraes: militância e memória**. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2004





SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (org.), **A Escrita da História - Novas Perspectivas**, S. Paulo, UNESP. 1992.

SILVA, Daise Aparecida Palhares Diniz. Patrimônio e Memória – uma discussão universalizada. In: **Centro Virtual de Memórias Compartilhadas: Sala de Leituras**. Disponível em: <<http://ccnm.org.br/cvmc/files/Patrim%C3%B4nio%20e%20Mem%C3%B3ria%20-%20uma%20discuss%C3%A3o%20universalizada.pdf>> Acesso em: 01.11.2009.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. In **Brasilis: revista de história sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1 nº1, 2003.

## NOTAS

<sup>i</sup> Neste sentido, podem ser citados: NETTL, Bruno (2001). *Últimas tendencias en etnomusicologia*; BLACKING, John. (2006). *Hay Musica en el Hombre?*; e RUIZ, Irma (apud ULHÔA, 1995). *Hacia la Unificación Teórica de la Musicología Histórica y la Etnomusicología*.

<sup>ii</sup> Gomes (2009) cita como musicólogos pós-estruturalistas: KERMAN, Joseph (1987). *Musicologia*; KRAMER, Lawrence (1990). *Musicology and Meaning*; MCCLARY, Susan (1991). *Feminine Endings*; CITRON, Marcia (1993). *J. Gender and the Musical Canon*; WATERMAN, Ellen (1993). *Cassandra's Dream Song: A Literary Feminist Perspective*; e CUSICK, Suzanne G. (1994). *Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/Body Problem*.

<sup>iii</sup> DUCKLES, Vincent et alli. "Musicology". Stanley Sadie (ed.) In: *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, 1980, pp. 836-63.

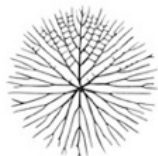
<sup>iv</sup> Como resultado desta pesquisa, alguns trabalhos já foram produzidos: "Ode a uma Nobre Pianista" (2003 e 2011); "Nobre Família, Nobre Lenita: um estudo do individual em música" (2006); "Uirapurus Paraenses: de onde vem esse canto? História da Vida Musical dos Irmãos Nobre" (2006); "Uma biografia sócio-musical dos Irmãos Nobre: os Uirapurus Paraenses" (2006); "O Canto dos Uirapurus" (2009); e "Em Busca dos Olhares sobre Helena Nobre: trajetória para a construção de uma biografia intelecto-musical" (2009); "Helena Nobre: uma musicista paraense da primeira metade do século XX" (2011).

<sup>v</sup> Revistas de Belém: Teatro, A Semana, Belém Nova, Belenópolis e Revista Literária Artística Recreativa. Jornais de Belém: Jornal do Comércio, O Estado do Pará, Diário da Tarde, Jornal Espírita "Alma e Coração", Folha do Norte, O Imparcial, A Razão, A Capital, A Imprensa, A Vanguarda, A Palavra, A Voz Acadêmica, Folha Vespertina, O Correio do Pará, A Província do Pará, Jornal do Povo, O Liberal, Diário do Estado; Jornais de Manaus: Gazeta da Tarde, A Imprensa; Jornal de Recife: Diário de Pernambuco; Jornal do Rio de Janeiro: Correio da Manhã; Jornal de Lisboa: Tiro Sport.

<sup>vi</sup> Acervos: conjunto de documentos conservados para o atendimento das finalidades de uma biblioteca (arquivo ou museu): informação, pesquisa, informação e recepção (CUNHA e CAVALCANTE, 2008, p. 02 - grifo nosso).

<sup>vii</sup> Alguns acervos públicos: Museu da UFPA (acervo Vicente Salles); Arquivo do Teatro da Paz; Biblioteca do Instituto Carlos Gomes; Biblioteca Pública Arthur Viana; setor de microfilmagem dos jornais "O Liberal", "A Província do Pará", "O Diário do Pará"; Museu da Imagem e do Som (Centur e Palácio Lauro Sodré); Setor de Obras Raras (CENTUR). Alguns acervos particulares: de Helena Maia; de Maria Gilda Nobre; de Maria Helena Nobre; de Jorge Nobre de Brito; de Lenora Brito; de Urubatam Castro; de Márcio Páscoa; de Vicente Salles; de Maria Sílvia Nunes; de Gilberto Chaves.

<sup>viii</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. ser., jan./dez. 1994, p. 9-42.



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

---

<sup>ix</sup> Trata-se de uma das extensões da Fundação Cultural do Pará, que ocupa um dos casarões históricos de Belém, tem biblioteca pública, espaço de convivência, oferta oficinas, realiza exposições, entre outras utilidades, de acordo com a demanda.

<sup>x</sup> Uma das unidades da Fundação Cultural do Pará.

<sup>xi</sup> Carta de Burra, apresentada na Austrália em 1980, pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios/ICOMOS (apud MAIA, 2003).

<sup>xii</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.